

A representação das relações humanas em *A morte de Ivan Ilitch*, de Liev Tolstói

Vanderléia da Silva Oliveira¹

Resumo

Análise da relação realidade/representação do mundo presente na forma narrativa, à luz da leitura de “Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels”, em *Ensaios sobre Literatura*, de Lukács, objetivando interpretar esta representação em *A Morte de Ivan Ilitch*, de Liev Tolstói.

Palavras-chave: Tolstói, narrativa, realidade/ficção, representação, materialismo.

OLIVEIRA, V. da S. A representação das relações humanas em *A morte de Ivan Ilitch*, de Liev Tolstói. *UNOPAR Cient., Ciênc. Hum. Educ.*, Londrina, v. 1, n. 1, p. 23-31, jun. 2000.

Introdução

Neste artigo pretendemos mostrar que a forma narrativa possibilita a representação do mundo, revelando seus valores e provocando uma reflexão sobre a essência humana e sua relação com o meio. Buscaremos, à luz da leitura de *Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels*, presente em *Ensaios sobre Literatura*, de Georg Lukács (1968, p.13-45), interpretar esta representação na obra *A Morte de Ivan Ilitch*, de Liev Tolstói, a partir da função criadora do escritor e seu olhar crítico sobre as relações humanas contaminadas pelo materialismo burguês. Faremos ainda, uso de algumas idéias acerca do gênero narrativo extraídas de Lukács, Ian Watt e Bakhtin, no que se refere à forma de representação do mundo, para percebermos o processo de transfiguração da realidade na obra a ser analisada.

A Arte Literária como Forma de Representação da Realidade

Segundo Hegel, a Arte “oferece-nos [...] a experiência da vida real, transportando-nos a situações de que nossa pessoal existência nos não proporciona nem proporcionará jamais, situação de pessoas que ela representa, e assim graças à nossa participação no que acontece a essas pessoas, ficamos mais aptos a sentir profundamente o que se passa em nós próprios” (1999, p. 49).

Dentre as muitas idéias sobre a “Natureza da Arte”, a de Hegel, de que ela desperta a alma humana, nos parece ser aqui uma das mais relevantes, pois objetivando alcançar este possível despertar é que o espírito criador do homem tem se empenhado em “por ao alcance da intuição o que existe no espírito do homem, a verdade que o homem guarda no seu espírito, [...]. Isso é o que compete à arte representar...” (Hegel, 1999, p. 49).

Em se falando de Literatura, o veículo concreto para esta representação sensível é a palavra escrita. Seja em prosa ou verso, o escritor se propõe a concretizar sua abstração de mundo, revelando sua ideologia, implicitamente vinculada ao seu momento histórico, singular e individual, através da palavra, num processo de transfiguração da realidade.

¹ Docente de Teoria Literária da Fac. de Filosofia e Letras de Cornélio Procópio (PR). Mestranda em Literatura pela UNESP. Endereço para correspondência: e-mail: vances@onda.com.br

Realismo e literatura

É comum, partindo dos conceitos sobre ficção (fingir, dar significados) e literatura, questionarmos sobre o que é realismo. Na verdade, o primeiro pensamento é o relacionado ao estilo de época Realista que perdurou no século XIX, mais precisamente em sua segunda metade. Porém, um pensamento deste é simplesmente reduzido, visto que envolve questões muito mais complexas, impedindo-nos de efetuar definições presas apenas numa questão de estilo. Devemos entender que, antes de mais nada, “uma obra é considerada realista quando é verossímil, fiel à realidade. Há uma verossimilhança orgânica, isto é, a obra tem que ser coerente, harmônica no seu todo, na sua construção e realização” (Castro, 1985, p. 46).

Deste modo, observamos que a forma narrativa é a que mais oferece caminhos para uma representação concreta da realidade. Pensemos, por exemplo, no romance. Gênero relativamente novo e que ainda está por se constituir. Parafraseando Bakhtin, ele se mostra como expressão mais adequada para o escritor que busque representar o mundo em que vive, principalmente o mundo burguês em que as relações humanas se contaminaram pelo pensamento capitalista.

Neste sentido, observamos que, buscando representar fielmente a realidade, o gênero narrativo, principalmente no que se refere a sua forma romance, tem sido amplamente teorizado, na intenção de se formular uma metodologia adequada à compreensão de sua relação com a realidade, produzida pela literatura, através do universo ficcional. Dentre algumas teorias, podemos dizer que em Lukács, por exemplo, encontramos um vasto trabalho sobre a natureza deste gênero, envolvendo os estudos *A teoria do romance* (1914/15), *O romance como epopéia burguesa* (1934) e *Romance histórico* (1935). Particularmente, observamos que em *O romance como epopéia burguesa*, apoiado na ciência da história de Karl Marx, Lukács vê o romance como “gênero artístico dominante da sociedade burguesa” (Antunes, 1998, p. 185), levando-nos a ver que o romance é um gênero problemático que “representa a máxima expressão artística de uma época, quando mostra as contradições da sociedade sem tentar soluções conciliatórias arbitrarias, quando penetra na essência das relações burguesas e revela o seu caráter histórico, em outras palavras, quando é realista” (Antunes, 1998, p. 196).

Já para Bakhtin, em *Epos e Romance*, o gênero se constitui em forma de expressão inacabada, apresentando um ciclo contínuo do homem. Em seus estudos, Bakhtin pretende abordar o romance como “gênero que está por se constituir, levando-se em conta o processo de evolução de toda a literatura nos tempos modernos...” (1988, p. 403). Deste modo, Bakhtin desenvolve uma análise comparativa entre o romance e a epopéia e, a partir desta comparação, vê esta última como forma de expressão da memória e o romance como forma de conhecimento, já que nele o herói passa por um processo de conhecimento de si mesmo no momento atual, no contato com as pessoas da época e suas opiniões, revelando-se como uma quebra da representação do mundo do modo fechado e definido do épico.

Esta questão da realidade também é tratada nos estudos de Ian Watt, explorando o chamado realismo filosófico e o formal, sendo que para Watt é o realismo formal que possibilita a definição de que o romance “é um relato autêntico e completo sobre a experiência humana” (1990, p. 27). Neste estudo sobre o realismo e a forma romance, Watt acaba por conceituar a personagem como representação de um indivíduo que faz parte de uma sociedade, situado num contexto temporal e espacial, revelando, pois, sua experiência humana, através de uma linguagem a mais transparente possível, propiciando ao leitor a possibilidade de ler o texto, estabelecendo uma “correspondência entre a vida e a arte” (1990, p. 32).

É esta correspondência entre vida e arte que estabelece a relação intrínseca do realismo com a literatura. Segundo Lukács, “a concepção marxista do realismo é a do realismo da essência artisticamente representada” (1968, p. 34), daí ele dizer que “a verdadeira arte, portanto, fornece sempre um quadro de conjunto da vida humana, representando-a no seu movimento, na sua evolução e desenvolvimento” (1968, p. 32). A narrativa busca esta representação, revelando, de acordo com as palavras de Engels,

que “realismo significa [...] além da fidelidade ao particular, fiel reprodução de caracteres típicos em circunstâncias típicas” (*apud* Lukács, 1968, p. 32).

Assim, quando pensamos nesta relação, devemos compreender que “o realismo deve se abrir para poder refletir não a aparência da realidade, que se alimenta da fidelidade ao detalhe e à figura exterior, mas na realidade profunda e essencial que somente é alcançada quando se coloca em estado humano as figuras reais” (Vásquez, 1978, p. 43).

A literatura vista por Marx e Engels

Segundo Lukács, em *Introdução aos Escritos Estéticos de Marx e Engels*, constatamos uma “unidade conceitual orgânica” das idéias dos dois autores que nos orienta para uma compreensão de estética por Marx e Engels, voltada à ciência histórica, em consonância com suas concepções filosóficas. Os dois pensadores concebem que a evolução do homem, da sociedade, do pensamento, só é possível a partir de um sistema conjunto, num processo em que leis gerais e particulares se inter-relacionam. Daí entendermos que “os princípios gerais da estética e da história marxista da literatura encontram-se, pois, na doutrina do materialismo histórico” (Lukács, 1968, p. 16). Ou seja, partindo de uma base econômica, que é o princípio diretor do desenvolvimento histórico, temos uma relação do homem com seu meio, que o revela como ser que possui uma função criadora, diferenciando-o dos outros animais, produzindo e provocando uma evolução histórica.

Esta função criadora do homem advém de sua atividade espiritual, que, independente da esfera em que atue, se desenvolve espontaneamente na evolução da sociedade. Deste modo, a literatura para Marx e Engels deve ser entendida como o caminho para a expressão do homem nesta sociedade, explorando sua essência, seus sentidos, para revelá-los ao outro pela palavra escrita.

Lukács afirma que “a existência e a essência, a gênese e a eficácia da literatura só podem ser compreendidas e explicadas no quadro histórico geral de todo o sistema. A gênese e o desenvolvimento da literatura são parte do processo histórico geral da sociedade. A essência e o valor estético das obras literárias, bem como a influência exercida por elas, constituem parte daquele processo social geral e unitário através do qual o homem faz seu mundo pela sua própria consciência” (1968, p. 15).

Humanizar o homem é a finalidade da arte, portanto, também a da Literatura, pela atividade espiritual do homem. E é pela representação de todas as esferas da vida humana, que ela revela ideologias, traços de desenvolvimento econômico-social e, principalmente, a essência das relações humanas, na medida em que traz à tona o mundo burguês em que o homem vive, em meio às desigualdades que o capitalismo gerou, condicionando-o a viver num mundo em que todos os valores são fetichizados. O mundo capitalista, pela sua sistematização, acaba por transformar em valores aqueles que de fato não o são, ou seja, valores sociais e não humanos, desumanizando o homem através de categorias fetichizadas.

Segundo Marx, “todas as categorias aparecem necessariamente numa forma reificada; e que, com essa forma reificada, ocultam a sua verdadeira essência, quer dizer, a sua essência de relação entre homens” (Lukács, 1968, p. 23). Esta inversão de valores e transmutação das qualidades humanas e naturais, obviamente alienam o homem, afastando-o da visão real e consciente dos fatos.

Visto desta forma, percebemos que o papel do escritor é o de revelar esta inversão de valores. Segundo Lukács “Marx e Engels exigiam dos escritores do seu tempo, por conseguinte, que eles, através da caracterização dos seus personagens, tomassem apaixonadamente posição contra os efeitos perniciosos e envilecedores da divisão capitalista do trabalho e colhessem o **homem na sua essência e na sua totalidade**” (1968, p. 26, grifo nosso). A representação do homem, deste modo, assume, na criação artística, a reprodução da realidade tal como ela é, objetivamente, na sua essência. Neste processo de representação é que encontramos o caminho para interpretarmos as relações humanas, verdadeiramente expostas através das contradições, sofrimentos, ideologias e criação das personagens do universo ficcional, revelando-nos a falta de humanização do homem e a mutilação de sua integridade.

A Morte de Ivan Ilitch e a Hipocrisia das Relações Humanas

Ao adentrarmos o universo narrado em *A Morte de Ivan Ilitch* somos prontamente atingidos pelo tom frio e angustiado com que o narrador nos apresenta o personagem Ivan. Tolstoi constrói o texto de forma a que sejamos lançados sem aviso a acompanhar o definhamento do personagem principal da narrativa, sem que possamos fazer absolutamente nada. Esse estilo tolstoiano cria, pois, um realismo tão crítico que a realidade vai-se apresentando tão cruamente como é que, ao final, a impressão de que o homem vive falsamente se instala em nós de forma insubstituível.

O texto, em forma de narrativa, não pode ser conceituado estruturalmente como romance, já que não possui o “fôlego” de tal gênero, no que se refere ao número de capítulos e sucessividade de ações. É, na verdade, considerado por alguns como conto, dado ao fato de que a narrativa se constrói em torno de uma personagem – Ivan Ilitch, e por outros como “novela exemplar”. Aqui, como não nos interessa discutir terminologias teóricas, preferimos simplesmente nomeá-la como narrativa, deixando a denominação teórica para outros estudos.

Sendo narrativa, portanto, concebemos que ela, independente do gênero, – conto, romance, novela – traz em si todos os elementos formais que possibilitam à representação da realidade em toda sua totalidade, principalmente a da sociedade burguesa desumanizada, fonte de criação e indagação para muitos escritores desde o século XVIII até hoje, momento em que ela, diga-se de passagem, é tida como a mais utilizada, dentre as formas literárias.

Em *A morte de Ivan Ilitch* temos a representação da vida de um burocrata que serve de pretexto para a composição de uma história sobre o destino de todos os homens. Ao começar a leitura somos levados pelas mãos por um narrador em terceira pessoa onisciente que nos apresenta nosso herói – Ivan Ilitch – cuja vida desliza uniformemente, sem problemas, cheia de sucessos, até que acaba morrendo aos quarenta e cinco anos, como Juiz de Tribunal.

A diegese é dividida em doze pequenas partes, sendo que a primeira apresenta o momento presente (em 1882) e as seguintes se constituem em um *flashback* para que tomemos conhecimento de toda a história de Ivan até o dia de sua morte. Ela é, portanto, iniciada *in medias res*. Assim, de imediato somos introduzidos na questão que rege o universo ficcional: a morte da personagem principal e as reflexões que dela podemos extrair.

Tolstoi cria um universo em que a personagem, aparentemente com uma vida bem organizada e feliz, após um insignificante acidente, desenvolve uma doença que pouco a pouco vai desestruturando suas relações, fazendo com que ele busque compreender a essência de sua vida, se realmente a viveu como deveria e qual era o sentido dela, bem como o sentido da morte. Portanto, Tolstoi mostra-nos que o destino de Ivan é, na verdade, o destino de qualquer homem.

Humanismo versus materialismo

A primeira coisa que chama a atenção do leitor de *A Morte de Ivan Ilitch* é o caráter das relações humanas travadas pelo personagem principal. Desde criança, Ivan parece ter tido sucesso, se destacado dos demais, tanto na família, quanto em meio aos amigos. Na vida adulta, após se graduar advogado, sua carreira revela-se em pleno sucesso. Assume um cargo após o outro, cada vez mais conceituado e melhor remunerado, estabelece boas relações com “as pessoas que ocupavam posição elevada na sociedade” (Tolstoi, 1998, p. 18), revelando-se um homem perfeito, cujas ações sempre “eram feitas de maneira tão elevada e distinta” demonstrando que “tudo era feito com mãos limpas, com camisas limpas, com frases francesas e, principalmente, no seio da melhor sociedade, por conseguinte com a plena aprovação das pessoas altamente colocadas” (Tolstoi, 1998, p. 19).

Assim é que nosso herói, pouco a pouco, vai assumindo “novos valores” e conquistando seu espaço numa sociedade cujos valores são medidos pelo poder de troca. Sua aspiração era que seus

vencimentos aumentassem e que fosse sempre reconhecido como o melhor dentre todos, vencendo qualquer provável concorrência. Pensamento, aliás, bem típico de um homem da sociedade burguesa. Mesmo em relação ao casamento, ele procura escolher uma esposa que tenha uma renda tão boa quanto a sua, revelando que, de forma alguma, o amor é que o leva a se casar. O matrimônio na verdade, é apenas a decorrência natural na vida de um homem bem sucedido.

“A princípio, Ivan Ilitch não tinha intenção de se casar, mas quando a moça se enamorou dele formulou para si próprio a pergunta: “Por que, afinal não me casar?”

Praskóvia Fiódorovna pertencia à excelente família, não era feia, e possuía uma pequena fortuna. Ivan Ilitch poderia ter aspirado um partido melhor, mas aquele já era bem satisfatório. Ele tinha apreciáveis vencimentos e ela, conforme esperava o noivo, teria uma renda mais ou menos igual” (Tolstoi, 1998, p. 21-2).

Assim, ser de excelente família, possuir pequena fortuna e vencimentos compatíveis com os dele, são elementos por si só suficientes para incentivarem o casamento. Valores totalmente capitalistas, numa sociedade burguesa. Desta forma, Ivan Ilitch segue o ritmo de uma vida cômoda, divertida numa “sempre decente e aprovada pela sociedade” (Tolstoi, 1998, p. 22). Porém, a relação estabelecida com a esposa transforma-se de uma pequena rusga em fenda, e o caminho que ele toma é o de procurar meios para se defender desta pequena “perturbação matrimonial”, voltando-se para suas obrigações funcionais.

Conforme as relações em família vão se tornando “desarmoniosas”, ele vai construindo um mundo à parte – no trabalho. Cumprir o dever e ser funcionário exemplar passam a ser suas prioridades, não tardando a chegar à conclusão que

“a convivência familiar, embora ofereça certas vantagens, era uma coisa verdadeiramente complexa e difícil, para a qual é preciso elaborar uma relação definida, tal como perante o trabalho, a fim de se poder cumprir honradamente o dever, ou seja, levar-se uma vida que, pela correção, a sociedade aprove” (Tolstoi, 1998, p. 23).

Ora, nos parece que Ivan perde sua essência humana, na medida em que mutila sua verdadeira existência, mergulhando no mundo da burocracia, no mundo real da crosta formal, no qual as relações humanas verdadeiras desaparecem para dar lugar a uma falsa essência. Somente neste mundo real, onde as relações verdadeiramente humanas se desvanecem, é que Ivan Ilitch sente segurança. Acontece que, ao substituir a essência pela aparência, o homem se desumaniza, dando espaço para uma falsa realidade. Tolstoi, ao descrever esse universo invertido, que é, na verdade, o mundo real em que vivemos, revela um realismo altamente crítico estabelecendo como Ian Watt, já citado anteriormente, diz “uma alta correspondência entre a vida e arte”.

Para Ivan, nada existe senão o universo criado por ele no trabalho. Sua alienação é tão intensa que apenas neste universo vazio é que ele consegue se achar seguro, em solo firme. Ele abre mão de sua individualidade para dar espaço a uma universalidade abstrata de valores burgueses. Despoja-se de si mesmo para ser representado em outros valores. O interessante é que estes valores, por não serem individuais, acabam por torná-lo um ser como qualquer outro e que, portanto, pode ser substituído. Tanto é que na primeira parte da narrativa a grande ironia é que os amigos magistrados reunidos, ao saberem de sua morte, automaticamente começam a pensar não nele e no seu fim, mas sim em quem poderá substituí-lo na vaga deixada.

“Ivan Ilitch era colega dos cavalheiros ali presentes e muito estimado por todos. Há várias semanas encontrava-se enfermo e era voz corrente que não se restabeleceria. Não fora substituído, mas

cogitava-se que a sua vaga pudesse ser preenchida por Alieksiéiev, e para o lugar deste fosse Vinikov ou Stabel. Assim sendo, ao tomarem conhecimento da morte do colega, o que primeiramente ocorreu a cada um foi a possibilidade própria ou dos amigos nas promoções e transferências que ela iria provocar” (Tolstoi, 1998, p. 7).

Sendo esta a única preocupação de todos, mesmo as obrigações de funeral se tornam aborrecidos deveres, até para o amigo um pouco mais íntimo da família. Configura-se assim, na narrativa, uma falsidade de valores entre todos, elevando o materialismo nas relações matrimoniais e profissionais. Tanto é que, a despeito das rugas matrimoniais, quando após dezessete anos de casado, Ivan, já Procurador, contando que lhe fosse dado o cargo de juiz-presidente, recebe o duro golpe de ter sido preterido “não se sabe como” por outro. Este fato faz com que ele fique profundamente irritado, gerando um clima de hostilidade com os companheiros. Novamente, vemos a competitividade em uma sociedade capitalista. Assim, percebendo que seus vencimentos não são suficientes e que não conseguiria um cargo melhor, resolve “apesar das objeções apresentadas pela mulher e pelo cunhado [...], [ir] para Petersburgo, tendo em mira arranjar um lugar que lhe rendesse cinco mil rublos. Pouco já se lhe dava o ministério ou a espécie de serviço” (Tolstoi, 1968, p. 27).

Vemos que o que ele queria era aumentar seu “poder de compra”. Temos, então, um indivíduo que passa a viver em função de valores fetichizados. Tanto é que, tendo conseguido a remuneração e um cargo muito bom, ele volta para a esposa feliz e com muitos projetos em conjunto com ela. Agora, os dois passam a traçar planos juntos, aparentemente conciliados em perfeita harmonia. Vê-se que suas relações são capitalistas.

... “agora, que tudo tomava uma feição tão favorável, que ele e a mulher se entendiam, as relações do casal tornaram-se melhores do que haviam sido até mesmo nos primeiros tempos de matrimônio” (Tolstoi, 1998, p. 28).

É certo que esta harmonia não dura muito, obviamente pela falta de essência desta relação, e eles novamente se distanciam, porém, quando sentiam que faltava algo, que percebiam o tédio, estabeleciam novas relações e novos hábitos, que enchiam a vida com a rotina do trabalho, visita de amigos e arrumações da nova casa. Ironicamente, quando Ivan alcança o sucesso neste mundo materialista, em que a vaidade e ambição o motivavam, recebendo a nata da sociedade numa casa que era a perfeita imitação das casas de pessoas de alta classe, algo começa a incomodar-lhe.

Tomado por uma constante indisposição, que lhe deixava irritado e consciente de que algo não ia bem, Ivan vai percebendo uma dor se instaurando no seu corpo e tomando conta de sua vida. Na medida em que percebe a dor, também percebe que as pessoas se mantinham indiferentes a isso, o que o deixa chocado e mesmo com um sentimento de comiseração por si mesmo. Ao passo de um mês vivia pensando nela, sentindo-a e se iludindo de que ela iria embora, e deixaria de incomodá-lo. Mas, logo percebe que

... “algo terrível e novo, e mais importante do que tudo quanto lhe acontecera na vida, se desenvolvia dentro dele e somente ele percebia. Todos os que o cercavam não compreendiam ou não queriam compreender, cuidando que o mundo continuaria como de costume” (Tolstoi, 1998, p. 39).

É exatamente esta indiferença das pessoas que nos assunta na narrativa, pois todos fingem que Ivan continua o mesmo, raras vezes referindo-se à “doença” ou percebendo que ele já não é, fisicamente, mais o mesmo. A esposa assume uma atitude de quem cuida muito bem dele e que é ele, por sua vez, que não se cuida. A filha sente-se incomodada pela doença do pai e os transtornos que ela causa e o filho adolescente, este sim, sente que algo terrível acontece a ele. O fato é que “Ivan Ilitch ficou

solitário, com a consciência de que sua vida está envenenada e que envenenava a dos outros e que o veneno não iria ser eliminado, mas sim penetrar cada dia mais fundamentalmente no seu ser” (Tolstoi, 1998, p. 41).

Na verdade, o veneno maior é a indiferença das pessoas e não apenas sua doença, pois ela está justamente no retrato dessas relações. Tolstoi, segundo a posição de Marx e Engels, retrata o personagem em todas as suas angústias e inquietações, através de suas relações, demonstrando o caráter desumano de sua própria vida, ou seja, o homem em sua verdadeira essência. Pelas veias de um realismo crítico, o autor mostra a inutilidade da vida vivida por Ivan, ao se deparar com algo muito mais forte e certo – a morte. Ele não só não a entende, como passa a questionar sua própria existência e a finalidade dela. É, portanto, pela narrativa instaurada que a totalidade da vida pode ser investigada, quando a personagem passa por um processo de conhecimento de si mesmo, como diz Bakhtin, buscando respostas a suas indagações.

Ao representar este universo burguês vivido por Ivan Ilitch, as contradições desta sociedade e seus valores, penetrando nas suas relações e na intenção de revelá-las, Tolstoi realiza uma narrativa em que a integridade do homem é totalmente desintegrada.

Na tentativa de entender o que ocorria consigo, Ivan passa por um processo de se despir dos valores cultivados durante toda a vida, para buscar a sua verdadeira essência. Ao sentir medo da morte, vê que está prestes a abandonar o mundo que tanto lutou para conquistar, e busca consolo no fato de que os outros também morrerão e diz: “Bestalhões! Primeiro vou eu, eles depois, mas passarão pelo mesmo que passei” (Tolstoi, 1998, p. 45). Na sua luta desesperada, toma consciência da sua absoluta incapacidade de compreender a morte. Sua incapacidade chega até o trabalho, pois nem mesmo lá consegue mais se manter firme e seguro, até que definha totalmente, já no terceiro mês da doença, e chega a precisar da ajuda de outros para que realize as mínimas funções.

O interessante é que encontra um amigo verdadeiro na figura de um criado, o camareiro Guerássin, que lhe servia com bondade e dedicação. Ele era o único que “não mentia, e tudo indicava que também era o único a compreender plenamente o que se passava, e não considerava necessário ocultá-lo, singelamente, conduía-se do patrão tão fraco e esquelético” (Tolstoi, 1998, p. 55). Vê-se, pois, que todos mentiam e fingiam, quanto à verdade da doença de Ivan, mas o empregado, aquele que lhe servia, mantinha-se tão puro em sua essência, que não precisava esconder-se atrás de uma falsa aparência. Dentre todas as relações, portanto, travadas por Ivan, a única verdadeira era a do jovem serviçal.

Numa ocasião, quando a esposa, a filha e seu noivo, iam a um baile, passaram pelo quarto de Ivan antes, e ali em meio a uma conversa formal, fica clara a falsidade de atos, palavras, ou seja, a representação de certas convenções. Quando eles saem do quarto, o doente suspira aliviado pois “a falsidade saíra com eles” (Tolstoi, 1998, p. 62). Ao sentir que nada lhe resta, a não ser entender o porquê de sua vida tão perfeita acabar assim, Ivan “chorava sua impotência, a sua terrível solidão, a crueldade dos homens, a crueldade de Deus, que o abandonava” (p. 64). Seus questionamentos chegam enfim à essência da vida, dialogando com sua própria consciência:

“Viver? Como?”, perguntou a voz interior. “Ora, viver como sempre vivi. Bem agradavelmente”, respondeu. “Como viveste antes, bem e agradavelmente?”, tornou a voz. (p. 64)

[...]

“Talvez eu não tenha vivido como deveria”, acudiu-lhe de súbito. “Mas de que sorte, se eu sempre procedi como era preciso”? (p. 65)

Assim, “tudo que lhe parecia ser alegria se desmoronava ante seus olhos, reduzindo-se a algo desprezível e vil” (Tolstoi, 1998, p. 64). Ele parece tomar consciência de que sempre viveu pelos falsos valores impostos pela sociedade, ou seja, numa realidade que é baseada na aparência, nas categorias fetichizadas da vida social. Deste modo, vê que sua vida era “oca”, sem sentido:

“É como se eu estivesse descendo uma montanha, pensando que a galgava. Estamente isso, perante a opinião pública, eu subia, mas, na verdade, afundava. E agora cheguei ao fim – a sepultura me espera” (Tolstoi, 1998, p. 65).

Assim, pouco a pouco, nosso herói se despe da vida aparente e começa a entender o real sentido de nossa existência. Em determinado momento, já com a morte bem próxima, ele, ao pensar se havia vivido ou não do modo correto, considera que

... “as pequeninas tentativas que fizera, tentativas quase imperceptíveis e que logo sufocava, para lutar contra o que era considerado acertado pelas pessoas mais altamente instaladas na sociedade, podiam representar **o lado autêntico das coisas** sendo falso tudo o mais. E que os deveres profissionais, sua vida regrada, a ordem familiar e todos os interesses mundanos e oficiais, não passassem de grandes mentiras” (Tolstoi, 1998, p. 70, grifo nosso).

É o momento em que reconhece, finalmente, que viveu num mundo alienado, sem uma consciência de sua existência. Todas as suas relações eram concebidas num universo geral, de uma falsa comunidade, típica de uma sociedade capitalista. No final, em sua angústia, pouco antes de aceitar a morte, vê na sua própria família, no médico, no criado, a verdade: “sua existência fora precisamente o que era a deles. E viu de forma espantosamente clara que não passava ela dum imenso e horrendo embuste” (Tolstoi, 1998, p. 70).

Assim, vemos um personagem morrendo de uma forma que ele julgava indigna para tudo o que havia sido, para uma existência que ele considerava autêntica. Tolstoi quer nos revelar o quão falsas podem ser as relações entre os homens, quando se deixam subverter pelos valores materialistas, perdendo sua humanidade, na medida em que o desejo de possuir gera a alienação dos sentidos humanos. A partir disso, observamos que a narrativa apresenta-nos esta ação corrosiva do materialismo, impondo ao homem sua desumanização.

Considerações Finais

A tentativa de representar fielmente o homem e o universo em que vive, procurando entendê-lo, é motivo de inspiração para muitos escritores, fato observado principalmente durante os séculos XVIII e XIX, momento em que esta tendência foi marcante dentre a maioria dos ficcionistas. Esta tendência encontrou caminho certo pela forma narrativa, retratando, pela sua estruturação formal, todas as possibilidades de representação do homem burguês e suas relações na sociedade burguesa.

Marx e Engels deixam claro que a Literatura, como toda arte, é a possibilidade concreta de demonstrar fielmente estas relações, provocando no homem uma reflexão quanto à sua situação histórico-social e suas relações de individualidade com a comunidade. Vimos, portanto, que Liev Tolstoi soube exercer sua função de escritor ao retratar a realidade em *A Morte de Ivan Ilitch*, fazendo-nos refletir sobre as inversões de valores que impedem a união da comunidade com a verdadeira individualidade do homem.

Buscamos, pois, demonstrar pelo drama vivido por Ivan Ilitch, como o real foi captado pelo escritor, representando uma narrativa altamente crítica, cujas personagens, embora ficcionais, existem na própria realidade, ou seja, foi da realidade concreta que Tolstoi tomou essas personagens. É como se estivéssemos lendo a nós mesmos, pois são personagens que efetivamente fazem parte do mundo real. Talvez por isso, à primeira vista, o autor possa parecer revestido por um realismo cético, quando o que deseja é superar as formas sociais da vida. Afinal, é como se olhássemos para nós mesmos em um espelho e assim, como Ivan, víssemos que nossa vida não foi ou não está sendo vivida como deveria...

Assim é que a Arte, como diz Hegel, atinge sua expressão máxima, fazendo-nos viver e sentir mais profundamente o que se passa em nós mesmos.

Referências Bibliográficas

- ANTUNES, Letícia Zini. Teoria da narrativa: o romance como epopéia burguesa. In: _____ (Org.). *Estudos de literatura e lingüística*. São Paulo/Assis : Arte e Ciência / Curso de Pós-Graduação em Letras da FCL/UNESP, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética(a teoria do romance)*. São Paulo : Hucitec, 1988.
- CASTRO, Manuel Antonio de. Natureza do fenômeno literário. In: SAMUEL, Rogel *et al.* *Manual de teoria literária*. Petrópolis : Vozes, 1985.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Estética – a idéia e o ideal; estética – o belo artístico ou o ideal*. Trad. Orlando Vitorino. São Paulo : Nova Cultural, 1999. (Os pensadores)
- LUKÁCS, Georg. *Ensaio sobre Literatura*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1968. Introdução aos Escritos Estéticos de Marx e Engels, p.13-45.
- SANCHEZ VASQUEZ, Adolfo. *As idéias estéticas de Marx*. 2. ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1978.
- TOLSTOI, Liev. *A morte de Ivan Ilitch, seguido de Senhores e Servos*. Trad. Marques Rebelo. Rio de Janeiro/São Paulo : Ediouro/Publifolha, 1998.
- WATT, Ian. O Realismo e a forma romance. In: _____. *A Ascensão do Romance*. São Paulo : Cia das Letras, 1990.

The representation of human relations in *A morte de Ivan Ilitch*, by Liev Tolstoi

Abstract

Analysis of the relation reality/world representation present in the narrative form, in the light of the reading of “Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels”, in *Ensaio sobre Literatura*, by Lukács, aiming at interpreting this representation in *A Morte de Ivan Ilitch*, by Liev Tolstoi.

Key words: Tolstoi, narrative, reality/fiction, representation, materialism.

OLIVEIRA, V. da S. The representation of human relations in *A morte de Ivan Ilitch*, by Liev Tolstoi. *UNOPAR Cient., Ciênc. Hum. Educ.*, Londrina, v. 1, n. 1, p. 23-31, jun. 2000.

